

# D U A S   T A N G A S   I N É D I T A S

POR JOAQUIM FRONTEIRA

Tal como sucedeu com várias moedas do reino — nos fins da primeira dinastia, durante a segunda e parte da quarta, em moedas coloniais do Brasil, etc. — também os numismas luso-indianos apresentaram, no decurso de alguns séculos, letras monetárias indicativas das Casas da Moeda onde haviam sido batidas ou fundidas, ou das cidades ou territórios aos quais se destinavam.

Assim, no reino e suas conquistas, as Casas da Moeda de Lisboa, Porto, Évora, Milmanda, Ceuta, Rio, Baía, Minas, etc., aparecem designadas nas moedas pelas suas iniciais. Na Índia existiram Casas da Moeda em Goa, Malaca, Cochim, Colombo, Baçaim, Damão, Chaul e Diu; bateu-se moeda para Chaul (Coulão), Cochim, Tuticorim e Sofala (?); parece mesmo ter existido uma «Moeda» clandestina em Unã — certo, porém, que dela os seus modestos fabricantes não deixaram qualquer letra monetária nos produtos da sua lucrativa indústria... Em «*O supposto meio atia de 1828*», o insigne numismata Manuel Joaquim de Campos, referindo-se a uma contrafacção de 10 bazarucos de D. Pedro IV, de 1828, diz: «Trata-se de um dos produtos da fábrica clandestina de Unã, antigamente Suna, que demora cerca de 10 quilómetros de Diu, em território inglês». Igualmente a este coio de moedeiros falsos se refere Jerónimo Quadros em uma monografia que publicou em Nova Goa, em 1899, intitulada «*Diu, apontamentos para a sua história e choro-graphia*», dizendo, com referência a Unã, «ser o foco de onde irradiam moedas falsas, que a praça de Diu tolerou durante largos tempos». (V. «*O Archeologo Português*», vol. VIII, pág. 53).

Desta relativa abundância de Casas da Moeda na Índia; da diversidade de cunhos usados no decorrer dos tempos e da fértil inventiva do moedeiro hindu, de quem com tanto pitoresco nos fala Manuel de Campos, resultou uma larga teoria de marcas de oficina, a qual se patenteia na numária do dilatado e disperso império asiático português, desde o século XVI ao XIX.

Como resultado de avultado número de exemplares examinados e de Catálogos de colecções ou de vendas consultados, recolhemos o conjunto,

certamente incompleto, dessas marcas de oficina, agrupadas pelas Casas da Moeda que funcionaram no oriente português.

Ressalva-se, desde já, a sua nem sempre precisa similitude com as originais, condicionada como é óbvio, pelas possibilidades materiais da sua execução tipográfica.

## CASAS E LETRAS MONETÁRIAS OU MARCAS DE OFICINAS DA NUMÁRIA LUSO-INDIANA

*GOA* (1510 a 1869)

G — A (Goa); D — G (de Goa); — A; G —; () — A; /) — A; J — A  
GOA para DIU

Å — D (Goa para Diu); Å̄ — D; A — Ḋ

*MALACA* (1511 a 1636...)

M — A (Malaca); A — M (Ásia-Malaca); D — M (de Malaca)

*COCHIM* (...1545 a 1577)

COCHIM para CHAUL (1577)

○ — O (Cochim para Chaul); — O

*COLOMBO* (Columbo) *CEILÃO* (Seilão, Galle) (1604? a 1640)

C — L° (Columbo ou Ceilão); — D — S (de Seilão); Å<sup>G</sup> (Galle)

CEILÃO para BAÇAIM

S — B (Seilão para Baçaim)

*BAÇAIM* (1611 a 1653)

B — A (Baçaim); B — B; — B; — B̄

*DAMÃO* (1611 a 1854)

D — O (Damão); D° (Damão) — D —

DAMÃO para BAÇAIM (1697)

D — B (Damão para Baçaim); D.B. (Damão Baçaim); B — B; D — C

*CHAUL* (Coulão) (1646 a 1740)

C — O (Coulão)

CHAUL para BAÇAIM (1653 e 1654)

C—B (Chaul para Baçaim); B—C (Baçaim para Chaul)

DIU (1684 ou 1685 a 1859)

D—O (Diu); D—D (de Diu); DIO; O—O; D—; D—O

D—():—(): ()—D; O—; ()—(); ()—; D—C; —C; A—D (Ásia Diu)

D—o; Å—D

TUTICORIM

D—T (de Tuticorim)

NOTA—O travessão corresponde ao espaço normalmente ocupado pelo escudo, no anverso das moedas da Índia Portuguesa.

Além destas marcas de oficina, cuja leitura exacta ou presumível de algumas deixamos indicada, outras existem, por ventura, de que não tivemos conhecimento; assim como outras há cuja decifração se nos afigura, pelo menos, bastante problemática. Estão neste caso as de duas pequenas tangas de prata, de D. João IV, que possuímos, procedentes da Colecção Armind W. Brand, de Chicago e que passamos a descrever, pois que as julgamos inéditas.

Ilustram esta pequena notícia ampliações dessas duas moedas, a 3 diâmetros.

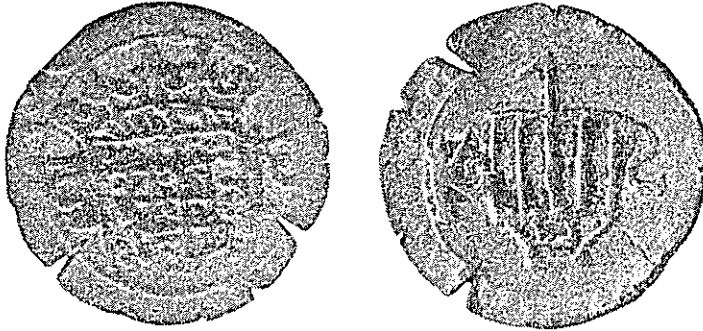


I—Escudo coroadado de Portugal acostado por A e D. Círculo interior e grenetis.

Monograma  $\overset{A}{T}$  (tanga) com ponto sobre o A e acostado por D (voltado) e T, S (deitado) e d (?). Círculo interior e grenetis.

Peso 1,75 gr. Diâmetro ca. 16 mm. AR.

Trata-se de uma tanga de prata, de D. João IV, segundo cremos batida em Diu (?) para Ceilão (Seilão).



II — Escudo coroado de Portugal acostado por 0 e  $\xi$  ou, talvez, por c e  $\xi$ .

Círculo interior e grenetis.

Grelha de S. Lourenço ladeada por 165 — S. Círculo interior e grenetis.

Peso 1,82 gr. Diâmetro ca. 16 mm. AR.

Trata-se de uma tanga de prata, de D. João IV, batida em Baçaim para Ceilão (?).

Na data indicada 165... falta o algarismo das unidades, de que não há vestígios que tenha existido no cunho.

